

O Inconfidente ausente

JOSÉ MARIA MAYRINK
Enviado especial

"Inconfidente Tancredo de Almeida Neves, presidente da República do Brasil", chamaria o mestre-decerimônias no largo do Sol, bem em frente à casa do padre Toledo, agora museu, onde Joaquim José da Silva Xavier conspirava com seus companheiros a independência do Brasil. Nesse instante - e seria nessa manhã de 21 de abril, - o velho antiquário Francisco Barbosa Junior daria alguns passos e receberia nas mãos a tocha para acendê-la na pira da liberdade.

O presidente Tancredo Neves seria o 14º inconfidente nesse dia de festa ("uma homenagem ao maior libertador do Brasil", como diz d. Alice Lima Barbosa, chefe do Departamento de Turismo da Prefeitura), mas a cidade de Tiradentes, a antiga Vila São José Del Rey, onde nasceu o mártir da Inconfidência, vai passar esse domingo em silêncio.

"Pela primeira vez na história dos últimos tempos - diz o prefeito Nilzio Barbosa, - a figura do nosso herói ficará esquecida, porque todos os oito mil habitantes de Tiradentes estão com os olhos e os corações voltados para a UTI do Instituto do Coração. O governo mineiro cancelou todas as comemorações da Semana da Inconfidência (que começaria aqui no dia 17 de abril) e por isso não haverá nem hasteamento da Bandeira. A Banda Ramalho, que toca nessa festa há mais de 100 anos, não sairá às ruas e, se alguma coisa vai haver, será apenas missa e orações nas nossas sete igrejas barrocas".

Antônio dos Santos, que desde 1953 trabalha para o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como zelador da casa do padre Toledo, até se esqueceu de que hoje era 21 de abril, o Dia do Tiradentes:

"E esqueci também de limpar a



O PAÍS REZA

estátua de bronze no largo do sol", lamenta ele, explicando como fica bonito o busto do Tiradentes que o urbanista Burle Marx mandou encostar num canto da praça, quando fez o projeto de reforma que realçou a casa do padre Toledo com sua capela, mas não agradou ao povo da cidade. "A gente passa óleo na estátua e ela fica brilhando", disse ele.

Antônio dos Santos não entende como o presidente eleito Tancredo Neves ficou tão mal "um homem daquele de quem nunca ouvi falar que fosse doente" — e nos últimos dias não tem mais ligado o rádio, para não saber de notícia ainda pior. Mas não adianta: ontem ele estava dormindo, quando acordou com a voz alta do telefonista Ney Barbosa, que passou falando na rua que Tancredo Neves tinha sofrido mais uma crise.

Atrás do balcão de sua loja de antiguidades coloniais, o ex-vereador, ex-vice prefeito e duas vezes ex-prefeito Francisco Barbosa Junior (ele é também o pai do prefeito atual e, como se vê, os Barbosa dominam a cidade) lamenta o cancelamento da festa, que lhe daria uma alegria sem tamanho:

"Eu ia ficar muito emocionado neste 21 de abril, se fosse representar o 'inconfidente' Tancredo Neves, meu amigo de tantos anos. Cada vez que consulto meus arquivos, as velhas fotografias me provam que essa amizade é mais antiga do que eu imaginava. Desde menino o Tancredo frequentava Tiradentes (nós dois temos a mesma idade) e foi nesta comarca que ele iniciou sua carreira de advogado."

Foi no início de março, apenas duas semanas antes do dia marcado para a posse, que Tancredo Neves visitou Tiradentes pela última vez. Ele foi inaugurar um orfanato de um pastor evangélico e aproveitou para abraçar os amigos. Quando encontrou o prefeito Nilzio Barbosa e seu pai, convidou-os para irem ao Palácio do Planalto agora em maio, quando tudo estivesse mais calmo.

"Agora vamos resolver os problemas de Tiradentes na área federal", disse o presidente a Francisco Barbosa Junior, lembrando que tinha ficado na promessa a construção de uma nova estrada para São João Del Rey — sete quilômetros de asfalto pela encosta da serra. "Vamos cobrar essa obra do governador Hélio Garcia", diz o velho Francisco Barbosa Junior a seu filho prefeito, conformado com a idéia de que, mesmo no caso de um milagre salvar a vida de Tancredo Neves, tão cedo não será possível ir abraçá-lo em Brasília.